

Footing, estrutura de participação e formato de produção no espaço on-line: um estudo da interação no facebook

Footing, participation framework and production format in the on-line space: an interactional study on facebook

Ricardo Rios Barreto Filho¹, Kazue Saito Monteiro de Barros²

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO

Este artigo pretende investigar a interação on-line (re)discutindo os conceitos de footing, de estrutura de participação e de formato de produção do sociólogo canadense Goffman (1981). Assim, propomos uma análise exploratória de posts publicados no Facebook a fim de identificar características das interações on-line e demonstrar como elas reconfiguram as noções de ouvinte, falante e interação. Os resultados das análises demonstram que os affordances - as percepções de possibilidades de uso - de sites de redes sociais provocam readequações nos conceitos de falante e ouvinte para pensar a linguagem on-line, sobretudo devido ao enfraquecimento da noção de participantes não ratificados, perante a realidade das mídias sociais da internet.

PALAVRAS-CHAVE:

Interação. Mídias Sociais. Facebook.

ABSTRACT

This paper aims at investigating online interaction in order to bring about Goffman's (1981) notions of footing, participation framework and production format. Hence we propose an exploratory analysis of some Facebook posts in order to identify characteristics of online interactions also to show how they affect the definitions of hearer, speaker and interaction. The results show that the social net-working websites' affordances - perceived possibilities of use - provoke readjustments on the concepts of hearer and speaker so that it is possible to reflect upon online language, especially due to the decay of the idea of ratified participants, considering the innovations on the social media interaction.

KEYWORDS:

Interaction. Social Media. Facebook.

Recebido em: 30.03.2021

Aceito em: 12.06.2021

¹ E-mail: ricardo.rios@ufpe.br | ORCID: 0000-0002-2895-2981

² E-mail: kazuesaito@uol.com.br | ORCID: 0000-0001-9024-6239

1. Introdução

Uma das principais contribuições teóricas de Goffman à sua época foi a adoção de uma perspectiva interacional do discurso, que considera que práticas linguísticas são ações específicas, sequencialmente concatenadas, ou seja, um enunciado não tem uma função em si mas depende daquele que veio anteriormente e está condicionado ao enunciado seguinte. É no contexto de produção que podemos extrair o sentido dos enunciados linguísticos. Nessa perspectiva, consideram-se os participantes e seus objetivos na conversa, a suposição de conhecimentos compartilhados e a relação entre eles.

No entanto, os últimos anos trouxeram diversas novidades à interação, sobretudo àquelas relacionadas às novidades tecnológicas, como as mídias sociais, dentre as quais o Facebook. Evidentemente, Goffman (1981) não pôde analisar as práticas mediadas pela interação digital, mesmo porque elas não existiam nesta época. Por isso, esse artigo pretende (re)discutir alguns conceitos do estudioso, particularmente o *footing*, estrutura de participação e formato de produção, considerando a análise de interações no Facebook e a importância desses conceitos para o estudo da interação.

Nos últimos anos, os sites de redes sociais têm tomado grande parte do tempo dos usuários de internet. Já em 2015, essa mídia social era a mais usada entre os internautas brasileiros, dentre os quais 83% afirmaram fazer uso do Facebook (BRASIL, 2016). Associado a esses fatores, Barton e Lee (2013) observam que é cada vez mais comum que práticas de linguagem vernaculares aconteçam na internet, o que faz com que conceitos tradicionais da Linguística sejam rediscutidos frente à realidade das interações digitais.

É particularmente interessante observar como a interação se dá nos ambientes virtuais, uma vez que estes se utilizam de plataformas *on-line* que medeiam a interação pela linguagem. Essa linguagem mediada por ferramentas tecnológicas apresenta inovações em relação a modos de comunicação analógicos, embora seja possível notar que algumas características permanecem mesmo com a modificação do meio de interação.

Estudar a linguagem *on-line* é, dessa maneira, uma atividade de reflexão histórica uma vez que analisamos as novidades provocadas pelo surgimento de novas ferramentas tecnológicas sem perder de vista que as práticas de linguagem anteriores é que estimulam o surgimento de novas práticas, considerando-se que a linguagem é necessariamente uma atividade sócio-histórica. Neste trabalho, portanto, compartilhamos a visão de Marcuschi (2005) que aponta que a internet é ambiente propício para rediscutir conceitos tradicionais dos estudos da linguagem.

Temos particular interesse aqui, na abordagem interacional de Goffman (1981), acerca das relações entre falantes e ouvintes. Discutimos os conceitos de estrutura de participação, formato de produção e de *footing*, conforme nossa percepção de como eles podem ser atualizados para dar conta das interações *on-line*, particularmente no *Facebook*. O exercício de reflexão teórica é direcionado pelas análises de *posts* publicados nesse site de redes sociais que são trazidos no decorrer do trabalho.

Inicialmente discutimos características das interações *on-line* e seus impactos nas práticas de linguagem. Em seguida, apresentamos os conceitos de Goffman (1981) acerca das interações sociais, os quais foram pensados para interações *off-line*, principalmente face-a-face. Simultaneamente, rediscutimos esses conceitos a partir de exemplos de textos publicados no *Facebook*. Por fim, retomamos a importância dessa discussão nos estudos da linguagem, os quais podem se beneficiar da (re)discussão de conceitos clássicos em Sociolinguística Interacional, considerando as novas realidades sociais frutos da tecnologia.

2. *Footing*, estrutura de participação e formato de produção

De acordo com Goffman (1981), os eventos de fala devem ser analisados em termos da atividade social na qual se encontram inseridos. O termo estrutura de participação foi introduzido pelo autor para designar as diferentes formas pelas quais falante e ouvinte podem se relacionar um com o outro e com seus enunciados ou, em outras palavras, a estrutura de participação varia de acordo com as várias formas de alinhamentos interacionais (*footing*). Autores (como, por exemplo, Ventola já em 1978) sugerem que o falante deixa pistas em seu discurso que estabelecem, predominantemente, relações entre a) o falante e seu texto (indicando o grau de conectividade de segmentos do texto, mudança, término ou início de assunto e assim por diante); b) o falante e o conteúdo expresso (por exemplo, demonstrando sua opinião quanto à importância de um dado conteúdo por meio de ênfase ou ironia, expressando convicção ou incerteza, afastamento ou comprometimento etc); c) falante e o interlocutor.

A adoção dos pressupostos acima indica que a opção metodológica aqui adotada não é simplesmente uma questão de escolha aleatória, mas está calcada em pressupostos teóricos e conceitos bem fundamentados, um deles, o de que a língua é uma atividade cognitiva, social e histórica e, portanto, deve ser efetivamente analisada nesta perspectiva.

A defesa de que o trabalho se insere numa perspectiva interacionista de análise, torna relevante explicitar a noção de interação aqui adotada e, para tanto, nos apoiamos nas palavras

de Marcuschi:

Sendo o ser humano um ser social, todas as suas ações têm a ver com este aspecto crucial de seu comportamento diário. Assim, tendo o ser humano que agir na relação com seus semelhantes de maneira ordenada, deve sempre interagir, ou seja, atuar na perspectiva de uma ação coordenada. Isto faz com que as ações humanas construam-se, no geral, como interações, na maioria das vezes mediadas pelo uso da língua que por sua vez facilita a relação intersubjetiva (Marcuschi, 1998, s.p.).

Assim, toda e qualquer interação entre seres humanos é interação social, portanto, ainda seguindo o autor, a interação social não é uma atividade caótica, nem aleatória ou mecânica, mas ordenada, coordenada e intencional. A interação social é um dos dispositivos mais importantes para a construção social da realidade. Neste caso, concordando com a posição de Eggins e Slade (1997, p. 6), podemos afirmar que “interagir é uma atividade semântica, um processo de produção de sentido” (MARCUSCHI, 1998, s.p.).

Goffman (1981) colocou em discussão as noções de ouvinte e falante, contrapondo-se à visão diádica de interação da época, a qual só considerava o processo interacional a partir de dois polos complementares - falante e ouvinte, locutor e interlocutor ou emissor e receptor. Na visão do estudioso, esses dois conceitos necessitavam de problematização, uma vez que para ele não havia apenas um tipo único de falante ou ouvinte, mas uma série de outros subtipos que, por sua vez, influenciam de maneira distinta na interação verbal.

Nesse texto, Goffman (1981) define o que ele entende por *footing*, que significa em língua inglesa literalmente piso, alicerce, base onde se firmam os pés ou ainda a ação de mover os pés durante uma caminhada ou dança³. A palavra escolhida pelo sociólogo canadense tem a ver com a expressão *take the floor*, a qual significa ao pé da letra “tomar o chão”, mas tem como sentido idiomático: tomar a palavra durante uma conversa, por exemplo. O conceito é definido como “o alinhamento que desenvolvemos para nós mesmos e para os outros, e que se faz presente na maneira como gerenciamos a produção ou recepção de um enunciado⁴” (Goffman, 1981, p. 128).

Baseando-se na definição desse conceito, pode-se concluir que os interlocutores ao interagirem desenvolvem conjuntamente um alinhamento (*footing*), e que este influencia tanto nas escolhas linguístico-discursivas produzidas da interação, bem como na interpretação desses discursos. O *footing*, portanto, é o conceito que garante as nuances de sentido que só são compreendidas num fluxo interacional.

³ Definição encontrada em <<https://www.dictionary.com/browse/footing?s=t>>

⁴ the alignment we take up to ourselves and the others present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance.

O exemplo clássico de Goffman foi uma interação reportada, em uma notícia, entre o presidente norte-americano Richard Nixon e a jornalista Helen Thomas. Nessa interação, o presidente, durante uma entrevista coletiva em que se discutiria um assunto político delicado, fez perguntas, em tom de brincadeira, sobre o que o marido da jornalista achava do fato de ela usar calças. Em um dado momento, o político também lhe pediu que desse uma volta para exibir a roupa que usava, a jornalista, por sua vez, aceitou a proposta, o que levou outros jornalistas a rirem naquele momento.

Além de comentários sobre a questão da autoridade política e de gênero daquela interação, Goffman (1981) ressalta o fato de que aquele tipo de conversa sobre assuntos aparentemente irrelevantes - o que em inglês é referido como *small talk* - é bastante comum para iniciar e concluir interações profissionais, como entrevistas à imprensa e reuniões de trabalho. Nessa interação, o tema importante que trouxera as pessoas àquele lugar era algum assunto político, no entanto, antes de iniciar de fato a atividade, os interactantes envolveram-se em uma conversa introdutória, sobre um tema irrelevante aos assuntos que viriam a ser tratados depois. É nesse momento que Goffman explica que houve uma mudança de *footing*, ou seja, primeiramente um alinhamento mais informal e jocoso e posteriormente um *footing* formal em que se discutiria assuntos tidos como relevantes, em tom mais sério.

O *footing*, nesse caso, influencia as escolhas linguístico-discursivas que são empregues pelos falantes, bem como a maneira como os ouvintes interpretam essas escolhas. O *footing* também é interacional, uma vez que depende da inter-relação entre interactantes, os quais juntos desenvolvem esse alinhamento no fluxo da interação. Por esse motivo, ele não é pré-estabelecido e nem imutável, conforme ressalta Goffman (1981, p. 128): "(...) os participantes no fluxo da fala constantemente modificam o *footing*, e essas modificações são uma característica persistente da conversa natural"⁵. Dessa forma, entende-se que esse conceito, forjado por Goffman, representa um princípio interacional que ratifica o alinhamento entre falantes e ouvintes, de maneira que a este não se relega uma posição de passividade, mas uma atividade participante em todos os momentos da interação. Dessa forma, corroboramos com a visão de Ribeiro que afirma:

os *footings* denotam um quadro conceitual que auxilia no entendimento das constantes mudanças dos interlocutores na construção do eu nas interações, [...] [pois] levam em consideração que o contexto não está separado da interação e não é dado a priori⁶ (Ribeiro, 2006, p. 50).

⁵ [...] participants over the course of their speaking constantly change their footing, these changes being a persistent feature of natural talk.

⁶ They denote a framework that helps understand the ever-shifting moves of interlocutors in the construction of self in interaction. Footing, positioning, and voice provide ways of capturing what we mean by identity or doing identity work

Tannen e Wallat (1987), por exemplo, demonstraram, num artigo de pesquisa, como, numa consulta pediátrica específica, a interação médico-paciente tem uma constante modificação de *footing* a depender de quem é o ouvinte direto, pois quando a médica se comunica com a paciente, que é uma criança, aparece um um registro mais infantil, com itens lexicais e fala infantilizados. No entanto, quando a mesma médica, na mesma consulta, comunica-se diretamente com a mãe da paciente, surge uma fala mais formal e um vocabulário mais adulto. As autoras defendem, portanto, que “enquanto cada ouvinte é associado a um registro identificável, a pediatra altera os *footings* com cada audiência”⁷ (Tannen e Wallat, 1987, p. 2010). Demonstrando-se, dessa maneira, que os *footings* não são pré-estabelecido ou imutáveis, mas variam de acordo com quem, quando e por que se fala.

Na pesquisa das autoras, elas demonstraram como o *footing* se modifica ao considerar a mudança de destinatária direta, neste caso, a paciente criança ou sua mãe. Percebemos que dessa maneira há pelo menos dois tipos diferentes de ouvinte nessa interação, uma a quem a pediatra direciona o olhar e a palavra e a outra que está presente na interação, mas em dado momento é uma observadora. Goffman percebeu - bem antes dos dados de Tannen e Wallat (1987) - que há diferentes *status* de ouvinte bem como diferentes tipos de falantes, por isso, no mesmo capítulo do livro em que fala de *footing*, estabelece os conceitos de estrutura de participação e de formato de produção para discutir as noções de falante e ouvinte para além de uma delimitação diádica, baseada apenas nas noções de emissor-receptor ou ouvinte-falante.

3. A interação on-line no século XXI

É de conhecimento geral que o surgimento de qualquer tecnologia, inclusive de analógicas, provoca mudanças em práticas sociais, vejamos, por exemplo, as novas práticas que surgiram a partir do uso da imprensa, telefone, rádio, televisão e outras. As novas tecnologias digitais não são, portanto, as únicas a causar mudanças na maneira como interagimos.

No que tange às novas tecnologias, percebemos que as práticas sociais associadas a elas não surgem do zero, pelo contrário, transformam-se a partir de práticas e gêneros textuais anteriores. Sobre esse assunto, Marcuschi (2005) discorre acerca do surgimento de novos gêneros digitais baseados em gêneros textuais analógicos anteriores, como é o caso dos e-mails que

in everyday conversation.

⁷ O texto das autoras tem como foco a discussão sobre os conceitos de esquemas de conhecimento e enquadres (ou *frames*) interacionais, sendo o conceito de *footing* um tema acessório à sua discussão. Neste artigo, convenientemente trouxe apenas o que nos interessa, embora reconheça a importância do conceito de *frames* interacionais também discutidos em Goffman (1981)

apresentam semelhanças com a escrita de cartas, por exemplo.

Dessa maneira, as práticas de linguagem *on-line* são forjadas a partir da continuidade e ruptura com práticas anteriores. Atualmente, podemos perceber que é cada vez mais comum o surgimento de práticas vernaculares na internet, ou seja, atividades corriqueiras em que os sujeitos pouco monitoram a linguagem (Barton e Lee, 2013). Uma conversa espontânea com os amigos pode tranquilamente acontecer, por meio da mediação de aplicativos de mensagens instantâneas, como *WhatsApp* e *Telegram*, sendo inclusive predominantemente escrita. Essa observação revela certa continuidade de alguns traços - como o pouco monitoramento da linguagem - e rupturas com características anteriores - nesse caso, o fato de ser predominantemente escrita.

Ao perceber essas mudanças, é necessário que façamos uma reflexão tanto sobre os fatores textual-discursivos que permeiam a linguagem *on-line* quanto sobre aspectos do contexto sócio-histórico que influenciam as interações digitais. Acerca das questões sócio-históricas, discutirei 4 fatores elencados em Barton e Lee (2013), a saber: problemas terminológicos, a questão do novo, a ideia de nativo digital e os pânicos tecnológicos. A respeito da questão textual-discursiva discuto mais a frente sobre os conceitos de *affordance* (Gibson, 1986) e espaço de escrita (Barton e Lee, 2013).

Primeiramente, há que se reconhecer um problema terminológico em função do uso do termo *on-line*, pois, embora seja convenientemente empregado, pode levar à falsa ideia de que há uma divisão rígida entre a vida *on-line* e *off-line*. Conforme apontam Barton e Lee (2013), essa dissociação absoluta é falaciosa, uma vez que há diversas inter-relações entre o que fazemos digitalmente e o que fazemos fora da internet. Em outro trabalho (Barreto Filho, 2019), exemplificamos essa questão dando como exemplo as exigências que são impostas aos acadêmicos brasileiros a preencherem a plataforma Lattes. É preciso que sujeitos que desempenham atividades de pesquisa, ensino e extensão - muitas vezes práticas *off-line* - registrem suas atividades na plataforma *on-line* sobre o risco de perderem benefícios, assim percebemos o quão relacionadas estão nossas vidas dentro e fora da internet.

Mesmo que consideremos a possibilidade do anonimato e uso de nomes e perfis falsos em redes sociais - comumente referidos como *fakes* - é perceptível que há um sujeito vivo e encarnado, que também existe no espaço *off-line*, manipulando esses perfis e que pode ser possivelmente responsabilizado em caso de atividade ilegal na internet. Portanto, reconhecemos a legitimidade do uso de termos como *on-line* e *off-line*, mas essa terminologia não deve implicar

uma dicotomia estrita, ou seja, não há duas vidas distintas (conectada e desconectada), há meios de interação diferentes que se inter-relacionam.

Outra ideia problemática, nas pesquisas sobre dados digitais, é o uso do adjetivo “novo”, já que há “novas tecnologias” da internet já consideradas obsoletas, a exemplo de plataformas digitais como *ICQ*, *Orkut*, *Fotolog*, *MySpace* etc. Barton e Lee (2013) destacam que o novo em “novas tecnologias” deve ser visto como o novo em “Nova Iorque”, ou seja, uma expressão que destaca o que já foi novo um dia. Essa linha de raciocínio é importante para que reconheçamos que, na verdade, estamos vivendo numa época de mudanças constantes, acentuada pela efemeridade das mídias de comunicação, portanto ao passo que produzimos este texto algumas tecnologias estão se tornando obsoletas, e outras estão surgindo.

O terceiro aspecto listado são as noções de nativos digitais e imigrantes digitais, as quais resultam na ideia de que as gerações que já nasceram em meio às tecnologias digitais têm maior facilidade de uso da internet e dispositivos digitais, por isso são chamadas de nativos, ao passo que as gerações anteriores, por terem nascido antes da popularização da internet, têm maior dificuldade no uso da rede, por isso chamadas de imigrantes. A ideia trazida pelos termos é bastante problemática, na visão de Barton e Lee (2013), pois transmite a falsa ideia de que utilizar a internet é uma atividade uniforme e requer uma habilidade única. O que acontece na realidade é o oposto, pois o uso da internet é muito diverso e depende de habilidades que transcendem a ideia de geração. Ora, possivelmente um adolescente pode ter mais facilidade no uso de redes sociais mais novas, em função da relevância que essa ferramenta possa ter para o seu grupo demográfico, no entanto, esse mesmo sujeito pode ter extrema dificuldade de manejar ferramentas igualmente digitais relacionadas ao mundo do trabalho, como a plataforma Lattes, por exemplo, que só é significativa para acadêmicos, em geral mais velhos.

Por essa razão, os termos nativos e imigrantes digitais não são exatamente precisos para dar conta da diversidade de letramentos e habilidades envolvidos no uso da internet. Cremos que, dessa maneira, devemos defender o ponto de vista da internet como um grande ambiente em que se encontram ferramentas diversas, em detrimento da visão de uma ferramenta única, acessível somente à parcela mais jovem da população.

O último aspecto contextual que trazemos de Barton e Lee (2013) é os tecnopânicos ou pânicos tecnológicos, que já acontecem na sociedade há muito tempo, pois consistem na ideia de que as novas tecnologias podem provocar deteriorização de práticas sociais, sobretudo aquelas ligadas ao uso da linguagem. Não é incomum ver circular a ideia de que o uso da internet,

particularmente das redes sociais, pode provocar problemas em relação ao conhecimento ortográfico de crianças em etapa de alfabetização⁸, também não é incomum observar afirmações de que as redes sociais estão acabando com os diálogos e as relações humanas.

Os autores ressaltam que os tecnopânicos não aparecem somente por causa da internet, pois praticamente todas as tecnologias ao surgirem provocaram, num primeiro momento, discursos mais conservadores de destruição de práticas tradicionais e desestabilização da vida em sociedade. Barton e Lee (2013) observam que discursos semelhantes surgiram acerca do rádio, tv, telefone, cinema entre outros, e normalmente os mais jovens são os acusados de se associarem a essas práticas.

Em meio ao contexto social em que aparecem os sites de redes sociais, há considerações sobre a estrutura ou *design* dos *websites* as quais influenciam na produção de textos nesses ambientes. Os sites, como o *Facebook*, são identificados como pertencentes da Web 2.0, que se trata da fase atual em que se encontra a internet, a qual deixa de ser apenas um ambiente de consumo de conteúdos para se tornar um locus de produção de conteúdos desenvolvidos por usuários comuns, normalmente não especializados. Percebe-se que, há algum tempo, a internet passou a dar espaço para que toda e qualquer pessoa, mesmo que não tenha expertise na área tecnologia da informação, seja capaz de produzir textos e publicá-los na internet.

Os sites de redes sociais são, portanto, os principais representantes da Web 2.0, tanto os mais atuais, como o *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e *TikTok*, quanto os já considerados obsoletos ou desativados *Orkut*, *MySpace*, *Fotolog*, *Google +*. Uma das características de todos esses sites é oferecer aos usuários um espaço relativamente fixo e estável para que eles possam divulgar seus conteúdos por forma de textos.

Os sites de redes sociais não são, por essa razão, uma folha em branco. São, na verdade, um suporte para produção e leitura de textos de usuários cadastrados na rede. Esses espaços limitados para a produção de textos são chamados por Barton e Lee (2013) de espaços de escrita⁹, ou seja, meios disponibilizados pelo *design* dos sites de redes sociais para que os usuários possam interagir. Vejamos, na Figura 1, exemplos de espaços de escrita do Facebook:

⁸ Sobre esse pânico particular da relação entre alfabetização e linguagem *on-line*, há pesquisas que já sugerem uma relação positiva entre esses fatores, como Plester e Wood (2009). Além disso, já não é novidade a voz de educadores que expressam o desejo de que a linguagem *on-line* se torne objeto de ensino, uma vez que é uma realidade social que, ao que tudo indica, permanecerá no decorrer da história (THE NEW LONDON GROUP, 1996; Rojo; Moura, 2012)

⁹ Embora os autores reconheçam que as redes sociais não disponibilizam apenas a escrita como modalidade linguística, haja vista a constante presença de imagens, vídeos e áudios nesses espaços, eles acreditam que a escrita acaba por ser privilegiada nas mídias sociais. Por essa razão, sigo a terminologia de Barton e Lee (2013) usando o termo espaço de escrita.

Figura 1- Espaços de Escrita do Facebook



Fonte: Barreto Filho (2019 p. 62)

Na Figura 1, vemos três espaços de escrita. Em primeiro lugar, no topo da imagem, as atualizações de status ou posts. Este espaço é onde circulam os principais textos do Facebook. Por meio dele, os usuários podem expressar atualizações dos seus dias, pensamentos, ou ainda textos imagéticos, vídeos ou músicas. É possível também compartilhar textos de outros usuários dessa rede ou de outras redes sociais, como o Twitter, Instagram etc. O website faz, neste espaço a pergunta “No que você está pensando?”, e, ao responder, o texto é publicado e acessível a todos os usuários que pertencem à rede de amigos ou seguidores daquele perfil.

Depois de publicada, a atualização de status pode ser comentada pelos outros usuários que têm acesso ao texto, e esse espaço é chamado de comentários, conforme sinaliza a Figura 1. Ainda é possível que esses comentários sejam respondidos, esta resposta de comentários pode ser feita por meio das réplicas, o terceiro espaço de escrita demonstrado na Figura 1. Todos esses espaços

de escrita de que falei são normalmente públicos¹⁰ e são justamente esses que são examinados neste artigo.

Como pode-se perceber, os espaços de escrita possibilitam ao usuário a oportunidade de escrever textos, ao mesmo tempo que impõem limitações, como por exemplo o layout e apresentação de acordo com a ordem da publicação, uma vez que os comentários mais antigos se localizam mais ao topo¹¹. Essas possibilidades e limitações são previstas pelos designers do website, no entanto, os usuários são capazes de criativamente modificar os usos previstos das funcionalidades das plataformas on-line, as adaptando aos seus desejos e necessidades.

Acerca dessas possibilidades percebidas pelos usuários, baseando-nos na reflexão de Barton e Lee (2013), discutimos o conceito de *affordances*, que originalmente foi empregue, no campo da ecologia, por Gibson (1986), que o define da seguinte maneira:

Os *affordances* do ambiente são o que ele oferece ao animal, o que ele provê ou fornece, tanto para o bem quanto para o mal. O verbo *afford* é achado no dicionário, o substantivo *affordance* não é. Eu o criei. Quero que ele diga respeito a algo que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal de um jeito que nenhum outro termo se refira¹²(Gibson, 1986, p. 127).

Na discussão do autor, os animais são capazes de perceber no ambiente possibilidades, nomeadas como *affordances*, os quais se referem não a todas as possibilidades possíveis do ambiente para o animal, mas às possibilidades que o animal percebe no ambiente, ou seja, às maneiras como esse agente efetivamente usa o ambiente. Nós seres humanos, por exemplo, percebemos diversas possibilidades para o uso dos ambientes naturais, os rios são exemplos de ambientes que podem ser utilizados tanto para nossa nutrição e hidratação quanto para o transporte a regiões mais longínquas. Dessa maneira, percebemos que os rios podem ter esses dois *affordances* - e tantos outros percebidos ao longo da história.

Barton e Lee (2013) trazem essa discussão para o campo das novas tecnologias, pois os usuários das ferramentas podem perceber no ambiente virtual diversos *affordances*, alguns já previstos pelos desenvolvedores enquanto outros podem ser fruto do uso criativo dos usuários. Como exemplo de uso não previsto de uma funcionalidade digital, vejamos a Figura 2, a qual exhibe

¹⁰ É importante considerar que nem todos os espaços de escrita do Facebook são públicos, pois há mensagens privadas enviadas via inbox, e grupos fechados de usuários. As conclusões chegadas neste trabalho, em geral, só se aplicam aos espaços públicos desse site de redes sociais.

¹¹ Mais atualmente o Facebook permite que os usuários adicionem filtros na exibição dos comentários, fazendo com que o website apresente mais ao topo aqueles mais relevantes. A relevância é determinada automaticamente por meio de algoritmos, pelo menos até a data de escrita deste trabalho.

¹² The *affordances* of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or for ill. The verb to afford is found in the dictionary, but the noun *affordance* is not. I have made it up. I mean by it something that refers to both the environment and the animal in a way that no existing term does.

uma atualização de status de uma usuária do Facebook:

Figura 2- Concurso no Facebook



Fonte: Barreto Filho (2019, p. 61)

Na Figura 2, encontramos um uso não previsto de uma funcionalidade do Facebook: as curtidas ou *likes*. Nesse site de redes sociais, os usuários podem reagir àquilo que veem, por meio das curtidas, as quais em geral representam aprovação do conteúdo. Há um *link* abaixo de todos as atualizações de status e comentários, por meio do qual os leitores podem clicar e reagir ao conteúdo. Podemos inferir, portanto, que o objetivo original dessa funcionalidade no *Facebook* é emitir uma reação simples e rápida a um conteúdo publicado.

No entanto, percebemos que essa ferramenta teve um uso diferenciado no texto exibido na Figura 2, pois aqui as curtidas servem como uma espécie de votação, em que a foto que receber mais curtidas receberá um prêmio. Percebemos, portanto, que esse texto exemplifica o conceito de *affordance* não previsto, uma vez que demonstra que os usuários utilizam as ferramentas digitais do website à maneira que percebem esse ambiente. Dessa forma, no caso da Figura 2, vemos um *affordance* possível do uso do *link* de curta: um sistema de votação, que, por sua vez, parece ser diferente daquele *affordance* previsto pelos *designers* do website.

Considerando-se os conceitos de *affordances* e espaços de escrita, retomo a noção de que os sites de redes sociais não oferecem aos usuários folhas em branco, muito pelo contrário, o *design* dos *websites* oferece ao usuário comum de internet um espaço de escrita com limitações e expectativas de uso. Por outro lado, os usuários, a partir de suas percepções interpessoais, vão desenvolver diferentes *affordances* - possibilidades de uso - que vão ora variar daquelas inicialmente pensadas ora corroborar com o que foi planejado pelo *design* do *website*. Parece-nos que a visão de Goffman (1981) é bastante rica para observar a internet, pois interações nos sites de redes sociais são raramente bipartidárias, mas normalmente multipartidárias, com a presença de diversos ouvintes e falantes ao mesmo tempo. Nas subseções a seguir, proponho uma rediscussão das propostas de Goffman para interações no Facebook.

4. Estrutura de participação: o ouvinte nas interações on-line no Facebook

O cerne da discussão do conceito de estrutura de participação e de formato de produção é a insuficiência do modelo diádico (falante-ouvinte) para o debate sobre a interação verbal. Esse modelo parece-me dominante nos estudos clássicos da Pragmática, como na Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969) e no modelo comunicacional estruturalista de Jakobson (1991 [1960]).

Sobre essa problemática, Hymes comenta:

Uma longa tradição na nossa cultura é a tríade entre falante, ouvinte e algo sobre o que se fala. Ela tem sido trabalhada em áreas como a teoria da informação, linguística, semiótica, crítica literária e sociologia de diversas maneiras [...] Todos esses esquemas parecem concordar em ora observar o ponto de vista do falante individual, ora postular uma díade, falante-ouvinte (ou fonte-destino, emissor-receptor, remetente-destinatário). Mesmo que esse esquema tenha a intenção de ser apenas um modelo, para um trabalho descritivo, ele não funciona¹³ (Hymes, 1972, p. 58).

A visão do estudioso aponta para a necessidade de complexificar a noção de participação na interação que não poderia reduzir-se a apenas dois polos binários. Goffman (1981) percebe que a delimitação tradicional de falante e ouvinte só leva em consideração a produção sonora, mas falha em considerar outros fatores relacionados à linguagem, como, por exemplo, o

¹³ Long traditional in our culture is the threefold division between speaker, hearer and something spoken about. It has been elaborated in information theory, linguistics, semiotics, literary criticism, and sociology in various ways [...] All such schemes appear to agree either in taking the standpoint of an individual speaker or in postulating a dyad, speaker-hearer (or source-destination, sender-receiver, addressor-addressee). Even if such a scheme is intended to be a model, for descriptive work it cannot be.

direcionamento dos olhares e a função que o participante pode ocupar na interação.

O sociólogo inicia discutindo a noção de ratificação, separando os papéis de ouvinte em dois grandes grupos: ouvintes ratificados e não-ratificados. Pensemos numa situação prática de dois alunos conversando em uma biblioteca, por exemplo, nesse contexto, os dois alunos revezariam na função de participantes ratificados, ora posicionando-se como ouvinte ora como falante. No entanto, não podemos desconsiderar que os dois estariam conversando em local público, em que possivelmente há outros outros ouvintes, os quais não diretamente participam da interação, normalmente não ocupariam a função de falantes, como os dois estudantes. No entanto, todos esses outros ouvintes participam e, portanto, influenciam a interação de alguma maneira, esses outros ouvintes podem incidir no controle da voz dos estudantes, também nos tópicos tratados por eles, pois estão numa biblioteca e manda a etiqueta que falem baixo, além disso os alunos podem preferir não compartilhar segredos, afinal de contas podem estar sendo ouvidos por outros.

Dessa maneira, podemos entender que os estudantes, enquanto ouvintes, têm um status diferente nessa situação, em comparação a outros ouvintes casuais que estejam na biblioteca, assim aqueles são considerados ratificados, pois têm legitimidade para ouvir os assuntos discutidos, além disso eventualmente ocuparão a função de falantes. Os outros ouvintes eventuais, nesse caso, ocupariam a posição de ouvintes não-ratificados, pois não são legitimados nessa conversa e provavelmente não ocupariam a posição de falantes, a não ser que tenham uma postura socialmente não esperada. Assim, Levinson (1987) trouxe uma sistematização em forma de quadro dessa estrutura de participação¹⁴:

¹⁴ Embora essas categorias tenham sido cunhadas por Goffman (1981), o autor não as apresentou da maneira como está disposta no quadro, ele comentou sobre essas categorias no decorrer do seu texto. Levinson (1987), por sua vez, foi quem desenvolveu esse quadro num trabalho que se tratou de uma revisão crítica de Goffman. Esse quadro, no entanto, está modificado em relação ao de Levinson (1987), pois este autor propôs uma revisão terminológica dos conceitos, a qual julgo que não é relevante ao meu trabalho. Além disso, as páginas que aparecem no quadro se referem à obra de Goffman (1981), a ideia de fazê-lo foi de Levinson (1987) e não minha.

Quadro 1-Estrutura de Participação

1. Ouvintes ratificados: (p. 226)

- Destinatário: aquele para quem o falante direciona sua atenção visual e para quem, incidentalmente, ele espera passar o seu papel de falante. (p. 133)
- Receptores não endereçados (p. 133): o restante dos "ouvintes oficiais", que podem ou não estar ouvindo.

2. Ouvintes não ratificados:

- Ouvintes casuais: ouvintes inadvertidos e não oficiais (p. 132).
- Espiões: ouvintes não oficiais que intencionalmente ouvem a conversa sem que sejam autorizados. (p. 132)

Fonte: Traduzido e adaptado de Levinson (1987 p 169)

Dentro da categoria de ouvintes ratificados, estão dois subtipos: os destinatários para quem os falantes normalmente direcionam os seus olhares e sua atenção e os receptores não endereçados, aqueles que podem participar da interação, mas num dado momento específico não são os destinatários do enunciado. Num diálogo multipartidário, em que há mais de dois interactantes, é comum que, em algum momento, um falante interaja diretamente com apenas um interactante, fazendo com que este se torne o destinatário, enquanto que os outros se tornem receptores não endereçados. Goffman (1981) discute sobremaneira a função do olhar nessa relação, ele ressalta que fatores extra-verbais são fundamentais para a dinâmica da estrutura de participação.

Por sua vez, na categoria de ouvintes não ratificados aparecem dois subtipos: ouvintes casuais, aqueles que não são participantes autorizados da conversa, mas também não são desautorizados, ou espiões, os quais são não autorizados e desautorizados ao mesmo tempo. Essa ampla categorização de Goffman (1981) nos leva a uma percepção mais abrangente da interação, pois os ouvintes, nesse quadro, ficam dispostos em categorias funcionais que influenciam na maneira como podem participar e contribuir na interação.

No espaço *on-line*, essas categorias merecem uma rediscussão teórica com base nas características dispostas nas plataformas de sites de redes sociais, particularmente nas ferramentas disponíveis nos espaços de escrita (Barton e Lee, 2013) e nos *affordances* (Gibson, 1986; Barton e Lee, 2013) percebidos pelos usuários. Conforme já destaquei acima, Goffman

(1981) enfatizava na questão do direcionamento dos olhares e outros fatores não verbais para diferenciar o destinatário de outros receptores não endereçados e ouvintes casuais, no espaço *on-line*, no entanto, esses recursos normalmente não estão disponíveis, então os interactantes encontram outras maneiras de marcar a diferença entre destinatário e receptores não endereçados, conforme observamos na Figura 3 abaixo:

Figura 3- Marcação de Usuário no Facebook



Fonte: Barreto Filho (2019, p. 122)

A Figura 3 mostra uma atualização de status em que uma usuária compartilhou em sua página um vídeo, que ficou disponível para todos os usuários da rede, no entanto marcou três usuários, os quais podem ser vistos como destinatários da postagem, ou seja, a mensagem era

direcionada a esses três, embora pudesse ser vista por qualquer outro usuário do Facebook. A marcação de usuário é uma ferramenta do espaço de escrita do Facebook que faz com que outro usuário seja linkado à postagem e conseqüentemente receba uma notificação em seu dispositivo. Esse uso desse recurso não verbal da plataforma do website pode ser percebido como um *affordance* que busca diferenciar os destinatários de receptores não endereçados. Embora qualquer usuário da rede possa comentar na publicação, há uma expectativa social de que pelo menos esses três usuários marcados interajam de alguma maneira com o texto compartilhado. Essa observação demonstra que, embora recursos como os direcionamentos dos olhares não estejam disponíveis nessa interação, os usuários acabam utilizando outros recursos disponíveis na rede para diferenciarem a estrutura de participação dos interlocutores. Deve-se ressaltar, no entanto, que o usuário, além de conhecer as ferramentas do *website*, precisa perceber a sua funcionalidade, ou seja, necessita se dar conta do *affordance* possibilitado pela ferramenta.

Ainda no que tange à estrutura de participação, cabe ressaltar algo que já defendi, em trabalhos anteriores (Barreto Filho, 2019), sobre o enfraquecimento da noção de ratificação nessas interações públicas no Facebook. A interação nos espaços de escrita atualização de status, comentário e réplicas não favorece a diferenciação pensada por Goffman (1981) para as interações em espaço *off-line*, já que, na plataforma do *Facebook*, bem como em outros sites de redes sociais, quaisquer usuários são considerados ratificados, porque potencialmente qualquer pessoa com acesso ao Facebook pode se tornar um interlocutor nessas interações.

Creemos, com isso, que essa seja uma característica relativamente estável da interação pública nas redes sociais. As práticas vernaculares que, nas interações *off-line*, normalmente acontecem no âmbito da vida privada, ganham um caráter público nas redes sociais da internet. Na interação exibida na Figura 3, há uma usuária compartilhando um vídeo com três amigos - destinatários - ao mesmo tempo que compartilha com toda uma rede de usuários - receptores não endereçados - os quais têm a possibilidade de comentar, curtir ou compartilhar o texto da autora da postagem.

A noção que aqui defendemos é de enfraquecimento da ideia de ratificação, no entanto não o desaparecimento. Há, por exemplo, funcionalidades do *website* que permitem o bloqueio de usuários, fazendo com que algumas pessoas, mesmo que assinantes do Facebook, não possam comentar nem sequer ver determinadas postagens. Dessa maneira, um assinante bloqueado que vê ou interage numa postagem, por meio do perfil de outra pessoa ou um perfil falso, poderia ser considerado como um espião, uma vez que, em tese, não possui legitimidade para participar

daquela interação.

Mesmo com essa limitada e falha possibilidade de bloqueio, é coerente defender a posição de que há um enfraquecimento na ideia de participação nas interações em espaços de escrita públicos no *Facebook*. Portanto, esse tipo de interação tem sempre uma potencialidade de ser acompanhada por uma audiência global, uma gama de receptores não endereçados que podem tranquilamente tornar-se participantes ativos e falantes nessas interações.

A partir dessas observações, proponho o Quadro 2 que resume nossa percepção da estrutura de participação nas interações públicas no Facebook:

Quadro 2- Estrutura de Participação em Interações Públicas no Facebook

Ouvintes ratificados:

- Destinatário: ouvintes para os quais os enunciados são direcionados, por meio de funcionalidades técnicas do *website*, notadamente: publicação na linha do tempo, marcações ou conformidade com a hierarquia entre *post*, comentário e réplica. Assim como nas interações face a face, espera-se que esses ouvintes, incidentalmente, assumam a posição de falantes.
- Receptores não endereçados: ouvintes para os quais as mensagens não são diretamente enviadas, por meio das funcionalidades técnicas, mas que podem participar das interações, eventualmente tomando a posição de falantes.

Ouvintes não ratificados:

- Ouvintes casuais: noção enfraquecida, no contexto de interações públicas no *Facebook*, pois, em geral, todos os usuários em rede são potenciais ouvintes ratificados. No entanto, os usuários podem criar relações híbridas em que estabelecem posse sobre as postagens e criam critérios de ouvintes mais legitimados ou menos legitimados.
- Espiões: ouvintes que planejam estratégias para participar de interações de que foram proibidos. No caso da interação no *Facebook*, usuários bloqueados que se utilizam de perfis de terceiros.

Fonte: Barreto Filho (2019, p. 128)

5. Formato de produção: o falante nas interações on-line no Facebook

O formato de produção é o conceito goffmaniano que diz respeito às diferentes funções da noção de falante ou escritor. Ele gira em torno de três conceitos descritos no Quadro 3, os quais

demonstram diferentes papéis sociais envolvidos na produção textual:

Quadro 3- Formato de Produção

1. Animador: "a caixa de som" (p. 226)
2. Autor: "o agente que desenvolve o texto em si" (p. 226)
3. Principal: "a parte cuja posição atesta as palavras" (p. 226)

Fonte: Traduzido de Levinson (1987)

O animador refere-se ao falante que serve de articulador vocal dos enunciados, de maneira bem simples, é aquele que vemos falar. No caso de uma interação, como em um telejornal, por exemplo, os âncoras normalmente cumprem exclusivamente esse papel, pois geralmente não produzem os textos que leem, tornando-se articuladores orais de textos que foram escritos por outros.

Em contrapartida, o autor é a categoria que se refere àqueles que articulam a produção textual desenvolvendo o seu roteiro e orquestrando as vozes que aparecem nos textos. Um exemplo disso são os chamados *ghost writers* (escritores fantasmas, em inglês), esse termo é utilizado para designar, no mercado editorial, aqueles escritores contratados com o propósito de escreverem obras que serão atribuídas a outras pessoas. Esse tipo de escritor, que normalmente é muito utilizado na escrita de biografias de pessoas famosas, cumpre o papel da articulação intelectual dos enunciados, mas não é visto como o responsável por aquelas palavras.

Finalmente, o principal se refere à parte que tem responsabilidade sobre o que é dito, àquele a quem as palavras e ideias serão atribuídas. Num contexto de discurso político, por exemplo, normalmente os políticos contam com equipes de assessoramento que controlam o que será dito. Dessa forma, a equipe geralmente se conforma ao papel de autor, pois articula e avalia a redação dos discursos. No entanto, neste caso, a responsabilidade sobre as ideias é atrelada ao político, é a imagem dele que estará sob apreciação.

É importante salientar, no entanto, que há possibilidade de sobreposição dessas categorias, pois, em muitos casos, o mesmo sujeito pode atuar como animador, autor e principal. Às vezes também é possível que o sujeito se enquadre como animador e principal, sem que seja necessariamente o falante, como no caso, do discurso político estruturado por assessores.

Nas interações públicas no *Facebook*, temos de discutir a percepção de responsabilidade do dizer. Sobre isso, observemos um texto compartilhado no *Facebook*, na Figura 4, considerando

que o compartilhamento de textos é uma das práticas mais comuns na internet.

Figura 4- Compartilhamento de texto no Facebook

Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex- presidente



Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País

Fonte: Barreto Filho (2019, p. 130)

A figura 4 foi compartilhada por um usuário do *Facebook* no período anterior à campanha eleitoral no Brasil de 2018, ela relata um acontecimento que ganhou notoriedade na mídia, na época, por causa de ataques sofridos pela caravana do ex-presidente Lula. Nela há a foto de um adolescente que supostamente teria estudado em um Instituto Federal criado por Lula e atacado a caravana do ex-presidente. O jovem - cujo rosto foi omitido por questões éticas - traça uma blusa branca com um adesivo de um então candidato àquelas eleições, opositor ao partido político do presidente Lula.

O texto foi compartilhado *ipsis litteris*, sem nenhuma adição de legenda ou qualquer outra marca de autoria do usuário que compartilhou. Percebe-se então que é coerente classificar este usuário do Facebook como um animador, o qual apenas cede seu espaço de escrita ao texto, sem adicionar qualquer produção autoral à publicação. No entanto, não são incomuns animadores de textos que, além de compartilhar publicações de outros, também adicionam legendas autorais que marcam a sua posição perante o texto compartilhado, tal como apresentado na Figura 5.

Figura 5- Compartilhamento de texto com legenda



Maneiro esses cardápios planejados, melhorou tudo aqui em casa! Recomendo!

JRS.DIGITAL
Plataforma que planeja cardápio semanal com lista de compras cresce no Brasil [Learn More](#)

👍😂😞 231 68 Comments 12 Shares

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Fonte: Acervo Pessoal

Com base nesses dois exemplos, percebe-se que há pelo menos dois tipos de animadores diferentes, quando consideramos o compartilhamento de textos, aqueles que apenas animam o texto sem qualquer elaboração e aqueles que expandem de alguma maneira os textos compartilhados por meio da adição de legendas. Esses tipos de animação são possibilitados a partir das funcionalidades disponíveis nos espaços de escrita da plataforma do *Facebook*.

Ainda sobre esse tópico, julgo que seja importante ressaltar sobre a responsabilização desses textos animados no *Facebook*, porque foi percebido em Barreto Filho (2019) que normalmente os interlocutores dos textos compartilhados responsabilizam os animadores e não os autores pelas ideias que são colocadas na rede. Para exemplificar essa observação, vejamos no excerto 1 um comentário direcionado à publicação da Figura 4:

Excerto 1- Comentário do Facebook

Comentador 1: Analfabetismo político seu! O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! [...]

Fonte: Barreto Filho (2019, p. 133)

Esse comentário foi tecido por um usuário que discorda política e ideologicamente do compartilhador do texto (Figura 4), uma vez que ele inicia sua fala com um insulto endereçado diretamente ao usuário que fez a postagem, em “Analfabetismo político seu!”. Vemos, dessa maneira, que o insulto leva a crer que para o comentador da atualização da postagem, o animador - embora não tenha adicionado nenhum comentário autoral ao texto - é de fato o responsável pelas palavras e a ele é imputada a crítica em caso de discordância.

Não defendemos com isso que a responsabilização do animador em detrimento do autor seja exclusiva das interações no *Facebook*, mesmo porque em interações *off-line*, como o discurso oral político, normalmente o animador é também considerado o principal. O que nos cabe levantar aqui é que, em pesquisas anteriores (Barreto Filho, 2019) com um corpus maior, detectamos que a animação de textos é o que normalmente inicia situações de conflito e ofensa, mais especificamente quando o interlocutor da postagem discorda das palavras animadas e responsabiliza o animador pelas ideias, que é o que se passa no exemplo da Figura 4, acompanhada pelo comentário do Excerto 1. Assim, vemos algumas características da configuração do formato de produção e suas implicações para a interpretação da interação na

internet.

6. Considerações finais

O presente trabalho buscou discutir conceitos basilares dos estudos interacionais, com base na contemporânea discussão sobre as mídias digitais. Julgamos essa análise importante, pois se, por um lado, não podemos perder de vista as atualizações por que passa a linguagem frente às novidades da vida contemporânea, por outro, não se pode desconsiderar que a linguagem, conforme ressalta Marcuschi (2005), é uma atividade sócio-histórica, que representa um diálogo contínuo entre práticas de linguagem bem estabelecidas e outras emergentes.

Assim, ressaltamos a importância histórica de Goffman, um dos precursores da Sociolinguística Interacional. Identificamos que o seu pensamento revolucionário ao complexificar a relação entre falantes e ouvintes pode ser posta em análise ao investigar interações *on-line*, principalmente porque elas são marcadas por interações multipartidas, em que há predomínio da discussão de temas públicos de cunho político.

Tendo isso em mente, sempre é um bom trabalho de reflexão teórica a revisitação de conceitos bem estabelecidos, neste caso, a relação entre falantes, ouvintes e seus modos de participação. Dessa maneira, cremos que seja necessário, no campo da linguística, a constante rediscussão de conceitos estabelecidos postos à escrutínio frente às novidades da contemporaneidade.

Em resumo, o trabalho traz uma revisita à ideia de participação, por meio da qual indentifica-se um enfraquecimento da noção de ratificação, considerando a circulação pública de práticas que anteriormente normalmente aconteciam em espaço privado. Verificamos que uma audiência potencialmente global normalmente segue quaisquer interações nos espaços de escrita públicos do *Facebook*. Sobre a noção de formato de produção, a interpretação dos exemplos analisados, bem como pesquisas anteriores (Barreto Filho, 2019), mostram que a animação de textos no *Facebook* podem implicar a responsabilização dos animadores, o que pode se tornar um gerador de conflitos, sendo essa uma consequência das características da prática de compartilhamento de textos *on-line*. Por esses aspectos, entendemos que o aparato teórico-metodológico aqui discutido, envolvendo os conceitos inicialmente propostos por Goffman (1981) e com o acréscimo da noção de *affordance* aplicada ao estudo das interações *on-line* é pertinente para a análise do processo da estrutura de participação no *Facebook*, envolvendo *posts* de conteúdo político.

Por fim, a análise teórico-analítica proposta nesse trabalho pode ensejar futuras investigações no que diz respeito às interações *on-line*, sobretudo no que se refere à participação. A discussão aqui proposta serve como um ponto de partida para a formulação de um modelo interacional que dê conta dos *affordances* visualizados nos espaços de escrita de plataformas digitais.

Referências

- AUSTIN, J. L. How to do things with words. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BARRETO FILHO, R R. Avaliações da (Im)polidez em Interações no Facebook. 2019. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- BARTON, D; LEE, C. Language Online: Investigating Digital Texts and Practices. [s.l.]: Routledge, 2013.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016. Disponível em: . Acesso em: 08 ago. 2017.
- EGGINS, S; SLADE, D. Analyzing casual conversation. London: Cassell, 1997
- GIBSON, J. J. The ecological approach to visual perception. Hillsdale, NJ: LEA, 1986.
- GOFFMAN, E. Forms of talk. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). Sociolinguistics. England: Penguin Books, 1972.
- JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1991 [1960].
- LEVINSON, S. Putting linguistics on a proper footing: explorations in Goffman's concepts of participation. In: DREW, P; WOOTON, A. (Ed.). Erving Goffman: exploring the interactional order. Cambridge: Polity, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. Perspectivas dos estudos em interação social na linguística brasileira dos anos 90. Conferência apresentada na 64ª Reunião Anual da SBPC, UFMA, Maranhão. 1998. (mimeo)
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Ed.). Hipertexto e Gêneros Digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- PLESTER B; WOOD, C. Exploring relationships between traditional and new media literacies: British preteen texters at school. Journal of Computer Mediated Communication, v.14, n4, p. 1108–1129, 2009.
- RIBEIRO, B. T. Footing, positioning, voice. Are we talking about the same things?. In: DE FINNA, A; SCHIFFRIN, D; MAMBERG, M. (Ed.). Discourse and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SEARLE, J. R. Expression and meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

TANNEN, D; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. *Social Psychology Quarterly*, v. 50, n. 2, Special Issue: Language and Social Interaction, Jun. 1987, p. 205-216.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracy: designing social futures. *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 1, p. 60-92, mai. 1996.

VENTOLA E. A study of conversational strategies in English and Finnish. [s.l.]: University of Jyvaskyla, 1978.
